

Contos de fadas: a esperança que ecoa do “Era uma vez...”

Fairy tales: the hope that echoes from
"Once Upon a Time..."

Uma entrevista com Jack Zipes

Paulo César Ribeiro Filho¹

¹ Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, área de Literatura Infantil e Juvenil — Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: paulo.cesar.filho@usp.br

Dedicada aos estudos multidisciplinares acerca do conto de fadas, a 11ª edição da *Revista Literartes* foi laureada com a oportunidade de entrevistar o professor Jack Zipes, um dos maiores e mais respeitados pesquisadores de contos de fadas e literatura comparada em todo o mundo. Nascido em Nova Iorque em 7 de junho de 1937, Jack David Zipes graduou-se em Ciência Política na Universidade de Dartmouth em 1959 e, no ano seguinte, obteve seu título de mestre em Língua Inglesa e Literatura Comparada pela Universidade de Columbia, em Nova York. Em 1965, após ter estudado língua e literatura germânica nas Universidades de Munique e de Tübingen, na Alemanha, completou seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Columbia. Com conhecimento em alemão, francês, italiano e espanhol, Jack Zipes pôde dedicar-se ao exame de um variado *corpus* da tradição literária ocidental em uma perspectiva multicultural e, já nos anos 60, passou a dispensar especial atenção aos contos de fadas, defendendo o exame crítico desse gênero que, até então, permanecia às margens dos estudos literários de nível universitário. Como um dos primeiros teóricos contemporâneos da área em questão, Jack Zipes lecionou em universidades na Flórida, Nova York e Wisconsin até ser nomeado professor de alemão e literatura comparada na Universidade de Minnesota, onde trabalhou por vinte anos até se aposentar em 2008.

Interessado na análise do conto de fadas sob diferentes ópticas (cultural, histórica, social e política, por exemplo), o professor Jack Zipes notabilizou-se pela publicação de dezenas de livros que figuram como bibliografia na grande maioria dos trabalhos acadêmicos dedicados aos estudos literários dos maravilhoso feérico, entre eles: *Breaking the Magic Spell: Radical Theories of Folk and Fairy Tales* (University Press of Kentucky, 1979), *Fairy Tales and the Art of Subversion: The Classical Genre for Children and the Process of Civilization* (Routledge, 1982), *Beauties, Beasts and Enchantments: Classic French Fairy Tales* (Crescent Moon Publishing, 1989), *Fairy Tale As Myth, Myth As Fairy Tale* (University Press of Kentucky, 1994), *Happily Ever After: Fairy Tales, Children and the Culture Industry* (Routledge, 1997), *Sticks and Stones: The Troublesome Success of Children's Literature from Slovenly Peter to Harry Potter* (Routledge, 2000), *The Brothers Grimm: From Enchanted Forests to the Modern World* (Palgrave Macmillan, 2002—2003), *Why Fairy Tales Stick: The Evolution and Relevance of a Genre* (Routledge, 2006), *The Enchanted Screen: The Unknown History of Fairy-Tale Films* (Routledge, 2011), *The Irresistible Fairy Tale: The Cultural and Social History of a Genre* (Princeton University Press, 2012) e *Grimm Legacies: The Magic Power of the Grimms' Folk and Fairy Tales* (Princeton University Press, 2014).

Jack Zipes também traduziu os contos de fadas dos Irmãos Grimm (edições de 1812 e 1815) e desenvolveu uma série de estudos sobre *Chapeuzinho Vermelho* em perspectiva comparatista. Para além dos trabalhos em contexto universitário, Zipes atua como contador de histórias nos Estados Unidos e na Europa, dirigindo e participando ativamente do projeto *Neighbourhood Bridges*, uma iniciativa desenvolvida no teatro infantil de sua cidade natal, Minneapolis. Em honra à sua pesquisa em literatura infantil, foi premiado pelo *International Association for the Fantastic in the Arts* em 1992, recebeu o *International Brothers Grimm Award* em 1999, e receberá, neste ano, o *Lifetime Achievement Awards* no *World Fantasy Awards*, ao lado de Hayao Miyazaki.

Com mais de meio século de carreira acadêmica e em plena atividade intelectual, o professor Jack Zipes acaba de lançar o livro *Ernst Bloch, The Pugnacious Philosopher of Hope* (Palgrave Macmillan, 2019), obra em que apresenta uma das pedras angulares que fundamentaram seu trabalho com os contos de fadas: os pressupostos teóricos do filósofo alemão Ernst Bloch.

Nesta entrevista concedida por e-mail no dia 11 de outubro de 2019, além de explorar alguns aspectos de sua mais recente publicação, a *Revista Literartes* procurou contextualizar as presenças efetiva e afetiva dos contos de fadas ao longo da vida do professor Jack Zipes, dentro e fora da academia.

1. É essencial reforçar o sentimento de grande honra e satisfação que nós da Revista Literartes temos em poder entrevistá-lo. Muito obrigado por aceitar dividir algumas reflexões conosco em meio à sua intensa agenda de compromissos. Dito isso, a pergunta inicial não poderia ser outra: ao longo de mais de seis décadas envolvido no estudo do conto de fadas, transitando por diversas universidades e demais centros de estudo ao redor do mundo, é possível afirmar que o exame crítico desse gênero ainda enfrenta resistência nas cátedras de estudos literários por conta de sua infeliz associação à ideia de uma “literatura de entrada”, de baixa qualidade, desprovida de valor artístico/estético (em oposição à “alta literatura”)?

Infelizmente, a situação nas universidades norte-americanas em relação aos contos de fadas e ao folclore é muito pior do que você pode imaginar. O conto de fadas não é apenas considerado um gênero menor ligado à literatura infantil — apesar de alguns ótimos avanços empreendidos por estudiosos europeus e norte-americanos no fim do século XX e início do XXI —, mas ele realmente não tem espaço na academia. Logo após a Segunda Guerra Mundial surgiram vários departamentos e programas de folclore e uma forte associação americana de folclore. Hoje, existem apenas três ou quatro departamentos de folclore em nosso país, e os contos de fadas são trabalhados sobretudo nos departamentos de língua inglesa e nas faculdades de educação. A razão do desaparecimento dos departamentos de folclore e da diminuição do número de cursos sobre contos de fadas ministrados em inglês, espanhol, francês, alemão e russo se explica, em grande parte, pela transformação da Universidade americana, que passou de um instituto educacional para uma corporação comercial que cobra enormes somas de dinheiro dos estudantes, os quais advêm sobretudo de famílias abastadas. Os alunos não são encorajados a se matricularem em cursos de Letras, Ciências Sociais, Literatura ou Arte, pois, ao se formarem, não conseguem arcar com as enormes dívidas que acumulam por conta das enormes taxas acadêmicas. Imersos na lógica do mundo negócios, os alunos não são mais educados a pensar criticamente, mas sim a se adaptar às crassas condições do sistema capitalista norte-americano. Além disso, a prática de esportes é muito mais valorizada do que aprender a pensar. Eu poderia continuar e lamentar essa situação por horas, mas prefiro seguir trabalhando com colegas e amigos para resistir às tendências correntes nos Estados Unidos.

2. **“Hope, as we all know, is not a commodity or even a quality. For Bloch, it was an inner force that we all have and that drives us to seek better working and living conditions. We hope because we are discontent and because we lack what is necessary to endow our lives with meaning. Since most of us cannot control our lives, we must live in hope or use hope to discover what it is that will benefit us and others.”** (excerto da obra Ernst Bloch, *The Pugnacious*

Philosopher of Hope, 2019, p. 186). Com base nesse excerto programático de sua mais recente obra, e sabendo que a filosofia da esperança de Ernst Bloch, ancorada em pressupostos político-teóricos marxistas, está na base de seu trabalho como estudioso do conto de fadas, gostaríamos de saber de que forma seu ativismo político e sua formação em Ciência Política estariam relacionados à aurora de seu interesse no estudo do conto de fadas em meados dos anos 60.

Essa é uma pergunta complexa, eu teria que escrever um longo livro de memórias ou uma autobiografia para respondê-la. O que posso dizer é que frequentei uma faculdade de elite da Ivy League² de 1955 a 1959, e me formei em Ciência Política. Quando concluí meus estudos em Dartmouth, eu ainda não havia aprendido muito sobre política, pois Dartmouth era uma faculdade racista, antissemita e arquiconservadora. As únicas coisas que aprendi foram a escrever bem e jogar futebol. Minha verdadeira formação começou em 1959 na Universidade Columbia, em Nova York, minha cidade natal, e depois em Munique e Tübingen na década de 1960. Quando parei de lecionar na Universidade de Munique em 1967 e voltei a lecionar na Universidade de Nova York, eu já havia sido introduzido à teoria crítica da Escola de Frankfurt e estava fortemente envolvido no movimento anti-Vietnã. Os cinco anos na Universidade de Nova York, de 1967-1972, foram uma alegria, pois os alunos estavam ansiosos para aprender e relacionar a política à sua aprendizagem. Também fui fortemente influenciado por movimentos radicais como *The Weathermen*³, SDS⁴ e outras organizações, e descobri por mim mesmo teóricos como Bloch, Georg Lukács, Max Weber, Wilhelm Reich, Erich Fromm, Marx, Engels, etc. Nos anos 70, estive na lista negra dos Estados Unidos por ter liderado uma greve em 1970 para

2 *Ivy League School* refere-se a um grupo de universidades de elite, academicamente excelentes e de rígidos processos seletivos.

3 Organização da esquerda radical norte-americana atuante entre os anos 60 e 80.

4 Sigla para *Students for a Democratic Society*, movimento estudantil de esquerda que atuou ao longo dos anos 60.

protestar contra o assassinato de estudantes da Universidade de Kent State e não consegui encontrar um emprego quando meu contrato com a Universidade de Nova York expirou. Graças a Hans Mayer, um grande crítico literário alemão, finalmente me ofereceram um emprego como professor associado na Universidade de Wisconsin, em Milwaukee, com uma proposta para iniciar uma revista marxista de teoria e literatura. De fato, com meus amigos fundei uma revista chamada *New German Critique*, e, ao mesmo tempo, por influência de uma namorada que trabalhava com crianças, comecei a estudar como as crianças eram politicamente socializadas através da indústria cultural e como a educação era desigual nos Estados Unidos. Como os contos de fadas eram cruciais no processo de aprendizagem de todas as crianças na América, comecei a estudar folclore e todos os tipos de contos de fadas a partir de uma perspectiva crítica. Foi nessa época que escrevi dois ensaios primordiais: um ensaio muito positivo sobre Bloch e Tolkien, e outro muito crítico sobre o hipócrita Bruno Bettelheim. De 1974 em diante, fui um dos primeiros professores da América a estudar contos populares e contos de fadas a partir de uma perspectiva teórica crítica, e a maioria dos folcloristas pensou que eu fosse comunista, pois ser marxista significava que você tinha “algo de vermelho”! No entanto, as pessoas que me conheciam confiavam em mim, e, em 1977, também comecei a trabalhar ativamente com educadores e crianças em escolas de toda a América para testar minhas teorias sobre contos de fadas.

3. O tema da esperança costuma causar a cisão entre pelo menos dois grupos: o dos materialistas, que buscam sobretudo a garantia da justiça social, e o dos metafísicos, que acreditam numa vida após a morte e nela depositam a esperança da redenção (aspecto marcante nas obras de Andersen, por exemplo). Em que medida os contos de fadas respondem às demandas dessas duas vertentes?

Lembre-se de que devemos sempre fazer uma distinção entre os contos populares de natureza oral que emanavam e ainda emanam do povo, as pessoas comuns, e os contos de fadas literários que emanavam e emanam de escritores cultos

de todas as classes sociais. Além disso, devemos ter em mente que não existe um conto puramente popular ou puramente literário. O que costumamos chamar de conto de fadas é uma narrativa híbrida curta, cheia de maravilhas e magia, que faz empréstimos de muitos outros gêneros, como o mito, a lenda, a fábula, a história de fantasmas, o conto religioso, o provérbio, etc. E todos esses gêneros, por sua vez, emprestam e roubam do gênero conto de fadas. Uma característica que separa um conto de fadas de um conto metafísico é que a religião raramente desempenha um papel importante. Os contos de fadas tendem a ser seculares, sem promessa de que a vida será melhor em algum tipo de mundo posterior. Os contos de fada emanam da esperança, dos devaneios/sonhos diurnos (e não dos sonhos noturnos ou da Igreja), de que a vida pode ser melhor aqui e agora. Apesar dos milagres e da magia nos contos, eles tendem a ser materialistas, pois se originam de conflitos reais pelos quais as pessoas passam, fazendo uso de metáforas e da concretização desses devaneios para indicar como nós podemos resistir a autocratas e reis. De certo modo, os contos de fadas sempre têm um toque revolucionário, o que Bloch chamou de *Spuren* (traços), que são índices de como podemos promover a justiça social e trazer à tona a igualdade social. Lembre-se, somos todos indivíduos diminutos, formiguinhas, que povoam o universo, e os contos de fadas revelam como as pequenas criaturas, soldados, alfaiates, crianças abusadas, vítimas femininas e animais indefesos encontram, de alguma forma, seu caminho para desfrutar de um pouco de felicidade, pois eles têm integridade e nunca abandonam a esperança de que sua situação pode mudar.

4. Voltando a atenção para os dias atuais, ainda sob o viés da filosofia da esperança de Bloch, diante das incessantes críticas a respeito da falta de representatividade de grupos minoritários e de setores socialmente marginalizados na literatura infantil e juvenil, em que aspectos os best-sellers de autores como J.R.R. Tolkien e J. K. Rowling reforçam ou ressignificam valores sociais cristalizados pelos contos de fadas tradicionais? Critica-se, por exemplo, a falta de protagonismo feminino em Tolkien, ou a luta pela manutenção do status quo como paradigma da literatura de fantasia em geral.

Se há um problema nos contos de fadas e na literatura de fantasia em relação ao sexismo, racismo, infantilismo e outros *ismos*, não é por falta de contos, filmes, peças de teatro e até óperas que fazem valentes esforços para compensar as injustiças do passado. Certamente, Tolkien e Rowling são antiquados e se curvam ao patriarcado. No entanto, ainda existem elementos de suas obras que falam aos oprimidos e incompreendidos, independentemente de gênero e etnia. Dito isto, há uma tendência atual e muito bem-vinda de centenas de jovens escritores e artistas de todos os países do mundo que estão explorando o gênero conto de fadas para expressar para dar voz às esperanças de minorias de todos os tipos. O perigo sempre é a indústria cultural — os editores e produtores de filmes que simplesmente procuram fazer dinheiro com as políticas da moda do momento. Uma das mais maravilhosas qualidades de todos os seres humanos, no entanto, é o nosso desejo de trabalharmos juntos e de ajudarmos uns aos outros a cultivar um mundo em que todos sejam tratados com gentileza e compaixão. Nosso maior problema vem das elites de todas as sociedades que iniciam criminosas guerras ideológicas.

5. Antes do ingresso na universidade, da infância aos últimos anos do ensino básico, como você descreveria sua relação com os contos de fada em ambiente familiar e escolar?

Minha mãe comprou um conjunto de dois volumes dos contos de Andersen e dos Grimm quando eu estava no ensino fundamental, e ela lia os contos para seus quatro filhos toda semana. Meu pai costumava contar histórias sobre o antigo país (Rússia) e os ursos polares com os quais ele costumava lutar no caminho para a escola. Eu escutava essas histórias com alegria e comecei a escrever as minhas quando tinha oito anos de idade.

6. Tendo em vista sua competência leitora em espanhol, qual sua relação com a literatura infantil e juvenil da América Latina? É grande a procura por orientação/supervisão de projetos de pesquisadores oriundos dessa região?

O espanhol foi a minha melhor língua estrangeira no ensino médio e na faculdade. Mais tarde, quando me tornei fluente em alemão, francês e italiano, perdi a prática de falar e ler espanhol. No entanto, ainda consigo ler graças a muitos anos de estudo desse idioma e do italiano. Estou bem familiarizado com a maioria dos famosos escritores de realismo mágico dos países latino-americanos. Como membro de algumas organizações de fantasia, é impossível não ser influenciado por elas e não outorgar-lhes o devido crédito pelas mudanças nas faces da fantasia norte-americana. Houve uma enorme quantidade de pesquisas feitas sobre o realismo mágico da América Latina e, embora tenham diminuído um pouco, eu mesmo me beneficieei dos romances e histórias de realismo mágico que li.

7. Sabe-se que o “cânone” do conto de fadas é composto majoritariamente por obras de autoria masculina (Perrault, Grimm e Andersen). No caso de A Bela e a Fera, uma exceção à regra, a questão da autoria desperta controvérsias, já que a versão celebrizada não foi a original. Pensando especificamente no grupo de autoras francesas dos séculos XVII e XVIII, notadamente em nomes como o da própria Mme. de Villeneuve e o de Mme. d’Aulnoy, como você explicaria o fato de essa vasta e substancial produção feminina ter permanecido à margem dos estudos literários em contos de fadas até os dias de hoje? Cabe dizer que há pouquíssimos textos das chamadas “preciosas” disponíveis em língua portuguesa e que a produção crítica nacional a respeito desse corpus é praticamente inexistente.

Tudo isso é esperado de sociedades patriarcais que trataram as mulheres indecentemente — no passado e até agora. Em 1989 traduzi e publiquei uma antologia de contos com o título *Beauty and the Beast and Other Classic French Fairy Tales (A Bela e a Fera e outros contos de fadas clássicos franceses)*, que continha contos de d’Aulnoy, Villeneuve, Bernard, L’Héritier, Beaumont e Perrault. Por muitos anos, graças à predominância e à dominação de estudiosos do sexo masculino na França, os quais exerceram uma grande influência sobre os estudiosos norte-americanos de

literatura francesa, essas escritoras únicas e talentosas infelizmente foram negligenciadas. De fato, elas exerceram uma grande influência sobre Charles Perrault, mas não foram reconhecidas até a década de 1980; desde então, temos visto um ótimo renascimento de seus contos e excelentes pesquisas acadêmicas. Tudo isso se deve ao surgimento do movimento feminista nas décadas de 70 e 80. Eu discuti isso em meu livro *The Irresistible Fairy Tale (O Irresistível Conto de Fadas)*.

8. A literatura infantil e juvenil vem sofrendo uma série de ataques provenientes dos setores mais conservadores da sociedade brasileira, os quais conseguiram eleger seus representantes em todas as instâncias de poder. Fadas, bruxas e seres mágicos em geral vêm sendo perseguidos e gradualmente eliminados das escolas de ensino básico. Trabalhar com fantasia em sala de aula tem sido um ato de resistência. Em sua opinião, quais os impactos diretos que a interdição do contato com a literatura de fantasia pode causar a curto e médio prazo na mundividência da atual geração de leitores em formação?

Eu não sabia disso, fico triste. Afinal de contas, onde estaria a Igreja Católica se os primeiros (e até mesmo os atuais) sacerdotes não tivessem reconhecido e ainda reconhecessem a existência de bruxas, demônios, criaturas fantásticas e outros seres estranhos? Obviamente, os conservadores e seus representantes no Brasil são altamente ignorantes se agora procuram banir as mesmas criaturas que ajudaram a criar! Por fim, os representantes da santa igreja é que causarão a queda dessa mesma igreja, o que é um absurdo. Você não pode matar ou banir a fantasia. Como Bloch aponta no início de *The Principle of Hope (O Princípio da Esperança)*, cada um de nós tem devaneios fantásticos todos os dias que não podem ser eliminados ou banidos por forças conservadoras. Todos sentimos, desde o nascimento até a morte, que algo está faltando em nossas vidas, e nossas vidas se voltam para a busca de significado por meio de um desejo de escapar do corrupto e perverso mundo em que vivemos. Certamente, seria maravilhoso se as escolas fossem lugares onde nossa imaginação pudesse crescer e tornar nossos sonhos realidade. Esse não é o caso. Porém, na mi-

nha opinião, como forma de resistência, a proibição à literatura de fantasia só pode servir para promover ainda mais a literatura de fantasia e colaborar com a formação de crianças talentosas que enxergarão através da idiotice dos políticos.

9. Por fim, queremos saber: qual seu conto de fadas predileto? Poderia compartilhar conosco a razão para essa escolha?

Atualmente estou trabalhando em um livro de contos que venho escrevendo ao longo dos últimos dez anos, e uma das histórias trata da sua pergunta. Então, vou lhe fornecer o início deste conto que responderá à sua pergunta.

“Tudo bem, então vamos começar. Primeiro, eu quero lhe contar uma história que ouvi de um de meus amigos que se tornou um veterano do Vietnã contra a guerra. Eu o encontrei pela primeira vez em Paris depois dele ter desertado, seguido para Berlim e depois para Estocolmo em 1970. Mais tarde, estranhamente, ou talvez não tão estranhamente, eu o encontrei na Flórida, para onde eu havia ido dar aulas em 1986. Ele e seus amigos me convidaram para ir ao seu forte de tijolos que ficava na floresta nos arredores da cidade universitária de Gainesville...”⁵

Esse é um conto experimental pois vou falar com você e comigo mesmo ao mesmo tempo em que narro. E vou lhe contar uma história que eu amo. Sempre que as pessoas me perguntam — por escrever muito sobre contos de fadas — qual é o meu conto favorito, elas esperam que eu diga “Chapeuzinho Vermelho”, pois certa vez escrevi um livro chamado *The Trials and Tribulations of Little Red Riding Hood*

5 Tradução livre. “All right, so let’s begin. First I want to tell you a tale that I heard from one of my friends who became a Vietnam Veteran against the war. I met him first in Paris after he had deserted and found his way to Berlin and later to Stockholm in 1970. Later, strangely, or perhaps not so strangely, I met him in Florida, where I had gone to teach in 1986. He and his friends invited me to their fortified brick stuck in the woods outside the college town of Gainesville...”

(*As Provações e Tribulações de Chapeuzinho Vermelho*). No entanto, isso não é verdade. Meu conto ultrafavorito é uma história dos Grimm sobre um soldado que é traído por um rei depois de servi-lo lealmente por muitos anos.

Não sei dizer por que me apaixonei por esse conto uma vez que o li há muitos anos, mas aconteceu. Eu nunca fui soldado, e, de fato, nunca gostei de guerras ou de soldados. Nunca gostei de pessoas que carregam armas — policiais, soldados, terroristas, guardas, caçadores — sejam elas homens, mulheres, LGBT, e assim por diante. Eu penso que as pessoas poderiam resolver as querelas do mundo sem o uso da força. Tem de haver alguma maneira de vivermos pacificamente em um mundo justo. Sou um idealista. Meu pai me chamava de sonhador. Ele sempre alegou que eu vivia no meu próprio mundo. Talvez seja verdade. A questão é que eu vivo com um pé no mundo real e um pé no mundo dos sonhos, onde estou lutando contra a corrupção e contra todos os políticos imbecis e líderes corporativos que estão destruindo a Terra com sua ganância, mentiras e poder massivo.

Sendo assim, por que eu não gostaria dos contos de Jack, ou de Tiny Tim⁶, as histórias sobre o rapazinho que consegue ter sucesso no mundo derrotando ogros, gigantes, bruxas e reis malvados? Eu gosto. Mas a história que mais amo é *Os seis que venceram o mundo* (*Sechse kommen durch die ganze Welt*)⁷, pois ele ressoa em mim mais do que todos os contos de Jack e Tiny Tim.

Os motivos-chave em todos os tipos de contos relacionados ao ciclo d'*Os seis que venceram o mundo*, os quais assumiram as mais diferentes formas na Europa e nos Estados Unidos, são: um herói falho, vários homens com talentos extraordinários e uma embarcação incomum. Não importa qual seja o tipo específico, o herói (campo-

6 “Jack tales, or Tiny Tim tales”, ou “contos de João/Joãozinho”, são contos que envolvem um personagem arquetipicamente marcado pelo tamanho diminuto, ingenuidade, preguiça e parvoíce associados à astúcia que garante a recompensa final. Fazem parte desse ciclo contos como *João e o Pé de Feijão* (Benjamin Tabart), *João Pateta* e *O Pequeno Claus e o Grande Claus* (Hans Christian Andersen).

7 Às vezes traduzido como *Seis atravessam o mundo inteiro* ou *Os seis que tudo conseguiram*.

nês, plebeu, caipira) não pode alcançar seu objetivo sem a ajuda de super-humanos com poderes divinos e que geralmente são altruístas. Isso se deve ao fato de o herói ser basicamente um homem de boa índole, sendo inadequado que um homem selvagem, uma mulher sábia, um anão ou um santo o guie até indivíduos poderosos e engenhosos para que ele desenvolva sua integridade. O jovem protagonista aprende por meio da experiência como cozinheiro/jardineiro a mobilizar forças para que possa limpar sua reputação, vingar-se e atrair uma jovem mulher/princesa que se torna sua esposa. Alguns folcloristas rotularam esses tipos de histórias como contos cômicos ou contos de cortejo. No entanto, o objetivo principal do jovem é provar sua dignidade como filho/cavaleiro, mesmo que ele queira se casar com a filha de um rei construindo um barco que navega em terra. É o desafio ou o desejo de ser digno e reconhecido como possuidor de mais talento do que se suspeita que leva o jovem a participar de competições.

Algumas das mais importantes versões literárias desse tipo de conto são *De Bono Facto*, de Giovanni Sercambi (*Novelle*, 1384), *Lo 'gnorante* e *Lo Polece*, de Giambattista Basile (*Lo cunto de le cunti*, 1634) e *Belle-Belle ou le Chevalier fortuné*, de Marie-Catherine d'Aulnoy (*Les Contes de fées*, 1697). Há também um incidente no *Mabinogion* (c. 1100), no qual extraordinários cavaleiros arturianos ajudam o herói em sua busca por uma noiva.

Nas notas finais dos Grimm para a edição de 1857 de *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos* (*Kinder- und Hausmärchen*), eles indicam que *Os seis que venceram o mundo* foi fornecido pela talentosa contadora de histórias Dorothea Viehmann, e que *Os seis criados* (*Die sechs Diener*) pela Família von Haxthausen. Wilhelm deixa claro que ele e Jacob conheciam várias variantes alemãs, bem como os contos literários escritos por Basile e d'Aulnoy. Não parece que eles estavam familiarizados com o poema épico *As Argonáuticas* de Apolônio de Rodes. No entanto, é claro que esse poema, juntamente com contos e lendas orais, teve um papel importante na formação de contos populares e de fadas que deram origem a *Os seis que venceram o mundo*, *Os seis criados* e centenas, senão milhares de histórias sobre a cooperação de super-heróis.

O poema épico de Apolônio, escrito em algum momento do século III a.C.,

traz as marcas de lendas, contos orais e obras literárias como a *Iliada* e a *Odisséia* de Homero, e é estranho que os Grimm não tenham citado as origens greco-pagãs nas notas para *Os seis que venceram o mundo*. Isso pode se dever ao fato de que eles estavam sempre procurando pelas origens nórdicas dos contos que coletavam. Seja qual for o caso, é claro que *As Argonáuticas* se tornaram uma história basilar para contos de fadas sobre super-heróis e ações coletivas que florescem em todo o mundo, bem como para *chapbooks*, *dime novels*, quadrinhos, desenhos animados e filmes.

Existem centenas, senão milhares de versões deste conto que podem ser considerados uma variante propriamente dita, e esses contos chegaram até nós no presente; alguns até pré-datam a versão de Apolônio. Essa versão também foi interpretada de várias maneiras, como uma viagem de iniciação ou uma exploração xamanística do outro mundo. Mas há uma temática constante de intencionalidade compartilhada e colaboração que está na base de todas as histórias e responde por seu apelo. Durante o século XX surgem figuras como o Super-Homem, Mulher Maravilha, Capitã Marvel, Batman e outros super-heróis como os X-Men e os Vingadores, que claramente são legatários da criação dos deuses e titãs greco-romanos que entraram nas tradições narrativas populares em toda a Europa no período medieval.